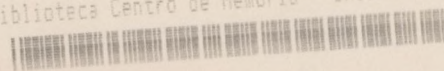


JFF 8.7.6.13

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029585

Sistema educacional nunca foi exigido

Após alertar que sua exposição traria mais indagações que propostas, e dizer que o momento exige colocações mais adequadas ao contexto da sociedade brasileira, o prof. José Bautista Vidal — físico e membro da Secretaria de Tecnologia do Ministério da Indústria e Comércio, afirmou que não há propriamente impacto do sistema educacional superior sobre o desenvolvimento tecnológico.

“As conseqüências do sistema universitário no setor produtivo, enquanto tecnologia industrial, são muito reduzidas, pois o sistema de produção sempre se baseou em programas estrangeiros. Os hábitos de consumo de produtos do Exterior acabaram ocasionando o transplante de indústrias inteiras para que produzissem bens aqui. Por outro lado, nunca se exigiu do sistema educacional nenhum esforço para formar técnicos brasileiros”.

Disse também o professor que a fase brasileira de importação se fundamentou na produção de bens de consumo: primeiramente se fabricaram batedores de bolo, radios, para depois se pensar na fabricação de máquinas. O processo de desenvolvimento industrial praticamente obrigou a que houvesse influência estrangeira no caso do Brasil, disse.

SHOW HOW

“Desde a criação da primeira universidade esse processo vem sendo notado. Podemos dizer que essa é a mola motriz que resultou na atual situação. Há raízes políticas profundas que condicionaram o desenvolvimento da sociedade brasileira. Portugal, por exemplo, comprometeu-se com a Inglaterra, no século XIX, em receber vários produtos manufaturados, em troca de exportar ao país inglês toda a produção de vinho do Porto. Esse fato refletiu dramaticamente na sociedade brasileira”.

Com a economia em crise, segundo o professor, houve a fase brasileira de produção de bens de natureza intermediária, e não mais de consumo, que foi benéfica ao País. Não houve depois transplante de fábricas, elas foram montadas aqui mesmo. Nessa época floresceu a figura dinâmica do empresário.

“Estamos vivendo no momento uma fase de transição bastante evolutiva, em que a componente tecnológica é básica para a sociedade brasileira. Atualmente, a competitividade exige domínio de tecnologia nacional; o empresário está tomando consciência de que não é possível exercer uma

pluralidade de funções sem dominar o processo tecnológico”.

Segundo o professor, o que se comprava no Exterior eram receitas tecnológicas, e não tecnologia. Disse ele que não é interessante ao País o “know-how”, mas sim o “show-how”.

NÃO SE INOVOU

Falando do papel da universidade, o prof. José Bautista Vidal disse que, ao longo da História, a estrutura universitária muito pouco se inovou; sua base ainda reside na universidade do século XII, “que foi uma das mais criativas na história da universidade”.

Segundo o professor, a universidade medieval surgiu em profundo conflito com a sociedade em que se inseria — a de Paris, com os senhores feudais, a de Oxford com a cidade de Oxford, etc. A Igreja figurou como sustentáculo da universidade.

“A segunda grande revolução, em termos de estrutura universitária, surgiu com a Universidade de Berlim, criada sob enfoque totalmente diferente. Em seguida vieram as de Harvard, Yale, John Hopkins, etc. Tudo isto para justificar a afirmação de que o impacto de que falamos é muito reduzido”.

PARA ONTEM

O professor prosseguiu dizendo que no Brasil fala-se muito em “resolver tudo para ontem”, em relação à interação universidade-empresa. Sua tese, segundo falou, é que se essa interação se der, como em geral se fala, poderá ocorrer: ou a falência do setor empresarial, ou a destruição de uma estrutura secular muito importante.

Sem que seu tempo permitisse explanar outros aspectos, o prof. José Vidal finalizou a exposição dizendo que “é preciso olhar com muita cautela para a imagem empresa-universidade”. Ao final da sessão matinal, o professor observou, após comentário de um membro da mesa que afirmou não ter o convidado do MIC se estendido a aspectos mais relevantes:

“É evidente que abordamos um dos aspectos, havendo, entretanto, outros que o tempo não nos permitiu desenvolver. Nosso enfoque recaiu sobre os meios de produção e a universidade. Um, de outros, que não pode deixar de ser considerados, por exemplo, é sobre qual modelo de homem é pretendido pela sociedade: homo faber, homo sapiens, homo economicus? Estamos conscientes de que a universidade deve ser vista numa perspectiva social”.